

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# Paulo Freire

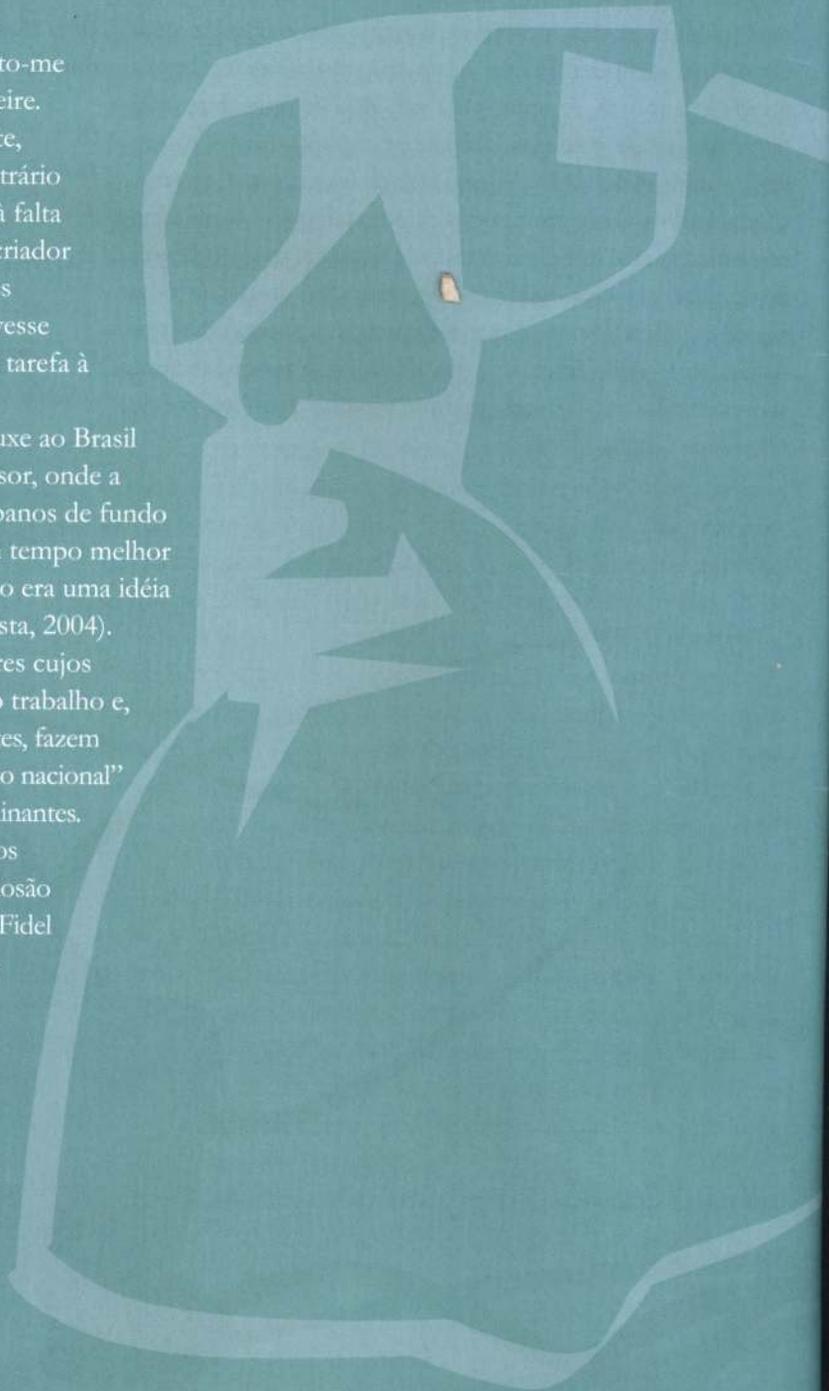
## O homem, a obra, senões e contribuições. (parte I)

A esta altura de minha vida de educadora, pergunto-me que palavras poderiam definir o homem Paulo Freire. Inovador, idealista, sonhador, inteligente, resistente, valente, lutador, esperançoso, consciente, fiel, contrário à opressão que leva ao sofrimento dos homens e à falta de chances em suas vidas pessoais, determinado, criador de caminhos que possam transformar as realidades da desigualdade sócio-econômica do país. Se houvesse necessidade de escolher apenas uma, eu daria essa tarefa à outra pessoa. Penso que não conseguiria.

Inovador, idealista, sonhador - a década de 60 trouxe ao Brasil e aos brasileiros a esperança de um tempo promissor, onde a industrialização e a urbanização eram os grandes panos de fundo que absorviam as expectativas das pessoas por um tempo melhor e menos sacrificado, já que ganhar a vida no campo era uma idéia completamente dominada pelos latifundiários (Costa, 2004). Constituem-se, nesta década, movimentos populares cujos membros buscam seus direitos através do voto, do trabalho e, ainda que em desvantagem com as classes dominantes, fazem parte do que foi chamado na época “desenvolvimento nacional” e começam a entrar em conflitos com as classes dominantes.

É exatamente nesse contexto que surgem os primeiros textos de Paulo Freire, concomitantemente com a eclosão da Revolução Cubana (1959-1961), com a adesão de Fidel Castro ao socialismo e o avanço das forças populares – sindicatos das classes trabalhadoras e partidos de esquerda. Logo após, porém, os movimentos populares, as organizações de classes como a operária, a estudantil e a voz de Paulo Freire pela educação de todos, especialmente favorável à educação daqueles jovens e adultos que não foram escolarizados em sua idade adequada, são interrompidos pelo golpe militar de 1964.

Contrário à opressão que leva ao sofrimento dos homens e à falta de chances em suas vidas pessoais



“... é a educação que sonha ser outra, em outro tempo, dentro de um mundo solidário, libertado da opressão e da desigualdade, que aprende com o dia-a-dia de seu próprio existir, que, primeiro, ela precisa ser a educação da construção desse tempo vindouro, que é horizonte da esperança do educador popular.”

(Paulo Freire)

– não só interrompido em suas lutas pela educação de todos, Paulo Freire foi exilado e é no exílio que escreve uma de suas obras mais importantes: *Pedagogia do Oprimido*. Mundialmente conhecido, este livro defende e difunde a educação popular. Nesta obra, Freire busca justamente o estabelecimento da consciência dos oprimidos sobre sua situação e as formas de modificá-la a partir das lutas das classes populares.

**Determinado, resistente, valente** – Exilado, buscou prestar serviços a outros governos que concordavam com suas propostas. No Chile, trabalhou com o ministro da reforma agrária, Jaques Chonchol. Assessorou muitos grupos e escreveu a citada *Pedagogia do Oprimido*. De lá foi para os Estados Unidos, onde ensinou em Harvard. Depois foi para Genebra, onde trabalhou longos anos no Conselho Mundial de Igrejas.

**Fiel** – É possível observar, nas obras de Paulo Freire, a importância que dava à sua família, a quem ele sempre dedicava seus escritos. Na Semana de Pedagogia do CES/JF, escutamos do próprio filho de Paulo, Lutgardes, que nos bastidores estava a presença forte da mulher Elza, que o ajudava com as constantes críticas, nos permanentes diálogos e na convivência afetuosa que os tornava um casal feliz. Em 1986, com a morte de Elza, Paulo quase morre de acobramento; não fosse o apoio dos amigos, ele não teria resistido. Encontrou Nita, sua orientanda, com quem se casou de novo. Ele mesmo afirmou: “Casei-me de novo para continuar vivo e porque amei de novo” (BARRETO, 1998: 45).

**Consciente** – Paulo Freire tinha uma preocupação: que não fizessem de suas idéias uma religião e não queria ter discípulos, mas sim pessoas que compreendendo o seu compromisso com o oprimido e suas idéias, o reinventassem e levassem adiante o seu legado. Tinha a convicção de que somente o oprimido tem o germe da libertação que pode libertar também o opressor:

“... E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Esses, que oprimem, exploram e violentam em razão de seu poder, não podem ter, nesse poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos...” (Freire, 2000: 30).

Criador de caminhos que possam transformar as realidades

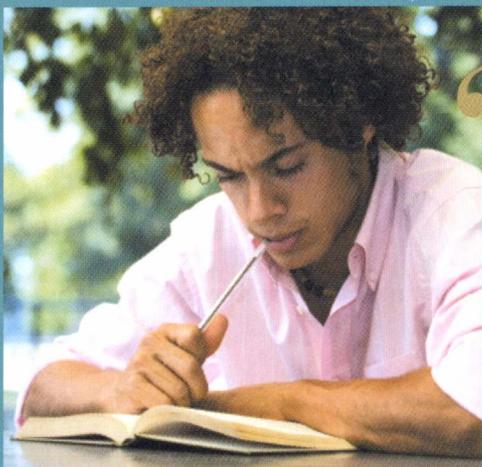


Foto: stockXpert

**“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”**

(Paulo Freire)

da desigualdade socio econômica do país - é comum ouvir falar do método de Paulo Freire como mais uma técnica de se ensinar. Certa vez, ele mesmo afirmou: “... eu não gosto de falar nisso, que é um negócio chato pra burro. Porque isso, no fundo, não é método. Não é nada, isso é uma concepção do mundo que está aí, é uma pedagogia e não um método cheio de técnicas” (Freire, 1992, p. 4). Acreditava que um aprendizado básico na vida é o saber reinventar todas as coisas e assim lutou incansavelmente contra o processo de educação domesticadora ou autoritária. Combatia, em seus escritos e com sua vida, todas as formas de discriminação. “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (Freire, 1997 p. 39). Ensina quem realmente está aberto ao aprender, quem é capaz de escutar. “...Eu só escuto na medida em que eu respeito, inclusive o que fala me contradizendo” (Freire, 1992, p. 5). A proposta freiriana aponta para um processo de libertação que tem seu início na preocupação com o oprimido. É como encontrar um caminho onde o próprio homem busque as soluções para recuperar-se ou para ultrapassar as barreiras da vida, do cotidiano, conhecendo seus limites, seus problemas e os de sua comunidade. As propostas de Paulo Freire instalam no cenário brasileiro um novo jeito de educação popular, ou seja, a que se contrapõe ao que ele chamou de educação bancária: “...a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários, e os educadores, os depositantes...” (Freire, 1977 p. 66). Nessas propostas encontram-se indicações de práticas pedagógicas como a que possa fazer com que o povo oprimido perceba que é explorado e, através de

sua ação, possa transformar o seu e o mundo onde vive. Materiais prontos, vindos já sistematizados para o ensino como é o caso das cartilhas, são abolidos da educação no modelo freiriano e a prática começa a ser construída a partir da realidade dos educandos, pois é nela que estão os seus problemas, suas angústias, seus sonhos e seu desejo de transformação. (Freire, 1977)

Brandão (1981:101) reafirma a diferença entre a educação bancária e a educação libertadora de Paulo Freire ao escrever: “...é a educação que sonha ser outra, em outro tempo, dentro de um mundo solidário, libertado da opressão e da desigualdade, que aprende com o dia-a-dia de seu próprio existir, que, primeiro, ela precisa ser a educação da construção desse tempo vindouro, que é horizonte da esperança do educador popular”. Entre muitos princípios teóricos da educação freiriana destacamos a horizontalidade entre educador e educando (ambos podem educar e ser educados – os conhecimentos de um e de outro têm sua importância na realidade de cada um – saber ler e escrever, saber plantar e colher, saber lavar e passar... nem o educador sabe tudo nem o educando não sabe nada), diálogo (todos podem falar, articular suas idéias na forma verbal, concordar ou discordar com aquilo que está sendo discutido no momento) e a consciência (conhecimento que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo que nos rodeia, compreensão sobre o funcionamento da sociedade e seu papel no grupo social a que pertence, seus deveres, seus direitos, enfim, consciência crítica que possibilite entender e desempenhar o papel de cidadão que cabe a todos os brasileiros)” (Sant Anna, 2001).

“**Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.**

(Paulo Freire)”



Foto: stockXpert

**Resistente, lutador, esperançoso** - após ter sofrido a longa espera de poder pisar em solo brasileiro, retorna ao Brasil em 1980 e filia-se pela primeira vez a um partido político (Partido dos Trabalhadores – PT). Torna-se figura internacional por suas obras publicadas em mais de trinta idiomas. Só em português foram mais de 25 publicações. Recebeu pelo menos 27 títulos de doutor *honoris causa* das universidades mais famosas do mundo. Nesse mesmo período foi convidado a ser secretário de educação da maior cidade do Brasil, São Paulo, onde ficou até 1991. Dedicou-se à escrita produzindo mais oito importantes obras, além de ensinar na PUC, USP e na UNICAMP. Os passos da vida deste homem inquietaram e inquietam milhares de educadores do mundo inteiro, aliás, não só educadores, mas principalmente os que utilizam a educação para domesticar as pessoas ou como mero jogo político. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (Freire 2000:52). Ele utiliza o mesmo estilo para falar do processo de aprendizagem, acreditando que realmente “ninguém ensina nada a ninguém”. A partir dessas idéias, percebe-se que, na prática pedagógica, o mais interessante e eficaz é o círculo de cultura, onde o educador passa a ser um animador, substituindo a “aula bancária” – o professor é o que sabe e ensina pelo professor que aprende ao ensinar. Para ele, “na medida em que você assume a posição ingênua do educando, você supera essa posição com ele, e não sobre ele.”

## Bibliografia

- BARRETO, Vera. Paulo Freire para educadores. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é o método Paulo Freire? São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Campinas: UNESP, 1999.
- FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da Indignação. São Paulo: UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. Educação Atualidade Brasileira. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Teoria e Prática em Educação Popular. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Para trabalhar com o povo. São Paulo: CCJ Centro de Capacitação da Juventude:1992.
- OLIVEIRA, A.P. O discurso da exclusão na escola. Joaçaba/SC: UNOESC, 2002.
- SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica. São Paulo: A. Associados/Cortez, 1991.

\* Kátia Regina Roseiro Coutinho é professora mestre da UNESP- Departamento de Educação desde 1996. Formada em Psicologia – bacharelado e formação de psicóloga em 1981 pela UNESP – Assis. Formada em Pedagogia pelo Ieda-Assis, mestre em Educação em 1996 pela UNESP- 1996, doutoranda em Educação pela UNESP- Marília, início em 2006 – previsão de defesa em Novembro 2008.